

POLIFARMÁCIA E OS RISCOS À QUALIDADE DE VIDA DO IDOSO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Emilly Laís Ramalho dos Santos Costa¹
Horrana Lais Dantas Dias²
Sabrina Pereira Germano³
Fernando de Sousa Oliveira⁴

INTRODUÇÃO

Com o aumento considerável da expectativa de vida, o envelhecimento da população está cada vez mais aumentando. Estima-se que até 2025 serão cerca de 32 milhões de idosos no Brasil, constituindo-se na sexta maior população de idosos do planeta (RAMOS et al., 2016). O envelhecimento é um processo que acarreta diversas mudanças fisiológicas no organismo, como mudanças na composição bioquímica dos tecidos; diminuição progressiva da capacidade fisiológica; reduzida capacidade de se adaptar a estímulos; aumento da susceptibilidade e vulnerabilidade a doenças e aumento do risco de morte (RODRIGUES et al., 2016).

Em geral, com o aumento da idade, há prevalência de doenças crônicas, e consequentemente, maior consumo de medicamentos. As doenças crônicas mais comuns relacionadas com a idade, que requerem uso de múltiplos medicamentos, são dislipidemia, hipertensão, diabetes e depressão. Essas alterações fisiológicas no processo de envelhecimento, podem interferir na farmacocinética e farmacodinâmica dos medicamentos, que tendem a aumentar o risco deste grupo populacional ser acometido pelas doenças crônico-degenerativas (REZENDE et al., 2019). Dessa forma, o organismo idoso pode adquirir maior sensibilidade tanto aos efeitos terapêuticos quanto adversos dos fármacos (RODRIGUES et al., 2016).

Nesse contexto, a polifarmácia é descrita como o uso terapêutico simultâneo de cinco ou mais fármacos por dia. Estima-se que mais de 40% dos adultos com 65 anos ou mais usam 5 ou mais medicamentos, e 12% usam 10 ou mais medicamentos diferentes (SILVA et al., medicamentosas, podendo ocorrer desde a potencialização de efeitos adversos até a diminuição da ação dos fármacos (SILVEIRA et al., 2018).

Nesse cenário, destaca-se que o envelhecimento da população é um fenômeno mundial e que a prática da polifarmácia é de grande risco aos pacientes idosos, pois induz diversas complicações à saúde. Assim, a polifarmácia se caracteriza em uma barreira para a adesão aos tratamentos, na medida em que tornam complexos os esquemas terapêuticos, propiciando o aumento do uso inadequado dos fármacos (MORSCH et al., 2015).

¹Graduanda do curso de Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande, emilly.ramalho0@gmail.com;

²Graduanda do curso de Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande, horranadiasufcg@gmail.com;

³Graduanda do curso de Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande, scanzenza@gmail.com;

⁴Professor orientador: doutor, Centro de Educação e Saúde, Universidade Federal de Campina Grande, fernandoufcg@hotmail.com.

O acompanhamento farmacoterapêutico é um instrumento usado para a prática da Atenção Farmacêutica. Nesse processo, o farmacêutico se responsabiliza pelas necessidades do paciente relacionadas ao uso de medicamentos mediante a detecção, prevenção e resolução de Problemas Relacionados aos Medicamentos (PRM). Esse acompanhamento se dá de forma continuada, sistematizada e documentada, em colaboração com o próprio paciente e com a equipe multidisciplinar, para alcançar resultados concretos que contribuam com a melhor qualidade de vida do paciente (LIMA, et al., 2016). Diante disso, a atuação do profissional farmacêutico se torna indispensável para minimizar os riscos da prática de polifarmácia, buscando incentivar uma farmacoterapia racional, respeitando os parâmetros farmacológicos da prescrição de acordo com a necessidade de cada paciente, visando a adesão e sucesso no tratamento, aumentando a qualidade e expectativa de vida do idoso (RAMOS et al., 2016).

O interesse pela realização desse estudo é justificado devido ao crescimento avançado do envelhecimento populacional e maior consumo de medicamentos. É de extrema importância para o campo da saúde pública, alertar sobre essa temática, sendo necessário a elaboração e disseminação de estudos que incentivem o profissional farmacêutico a atuar de forma diretamente participativa na farmacoterapia do idoso, levando estratégias que avancem na qualidade e eficácia do tratamento.

O presente estudo tem como objetivo avaliar os riscos que a prática da polifarmácia pode acarretar na saúde do idoso, e identificar ações efetivas em equipes de saúde que possam minimizar estes riscos. Sendo assim, serve para destacar intervenções farmacêuticas que contribuam para o sucesso na farmacoterapia e adesão ao tratamento.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma revisão integrativa por meio de levantamentos bibliográficos. Em virtude da quantidade crescente e da complexidade de informações na área da saúde, tornou-se imprescindível o desenvolvimento de artifícios, no contexto da pesquisa cientificamente, capazes de delimitar etapas metodológicas mais concisas e de propiciar, aos profissionais, melhor utilização das evidências elucidadas em inúmeros estudos. Nesse cenário, a revisão integrativa emerge como uma metodologia que proporciona uma síntese elaborada de conhecimento (SILVEIRA, 2005).

Para nortear o estudo foram utilizados os seguintes questionamentos: Qual a relação entre o envelhecimento e o alto consumo de medicamentos? Quais os problemas relacionados aos medicamentos e suas consequências quando utilizados em multiplicidade? Como o farmacêutico pode interferir para diminuir reações adversas quanto ao uso desses medicamentos?

Para auxiliar na pesquisa foram utilizadas as bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* (Scielo) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), nos idiomas português e inglês, no período de 2015 a 2019. Para a busca foi utilizado os seguintes termos: “idosos polimedicados”, “relação entre polifarmácia e envelhecimento”, “reações adversas em idosos” e “assistência farmacêutica ao idoso”, bem como suas combinações e tradução para o inglês.

A coleta dos artigos foi realizada em maio de 2019. Com relação às modalidades dos trabalhos, 70% dos artigos correspondem a pesquisas experimentais, e o restante, a revisões de literatura. Para a seleção dos periódicos foram considerados critérios de inclusão como: apresentar a relação entre polifarmácia e envelhecimento, identificar as atuações do farmacêutico diante do tema, relacionar doenças crônicas e a prática da polimedicação. Para os

critérios de exclusão: não está publicado entre os anos estabelecidos, não apresentar tema relacionado ao envelhecimento e não está relacionado à polifarmácia.

DESENVOLVIMENTO

Para o estudo proposto, foram lidos e avaliados 47 artigos. Dentre estes, foram escolhidos 10 artigos de maior relevância e que atendiam as exigências pré-estabelecidas. Assim, realizou-se leitura dos artigos selecionados e enumerados de 01 a 10 para facilitar na organização. Desse modo, foi determinado o objetivo do trabalho em questão, destacando em fichamento os pontos mais importantes de cada periódico e separados de acordo com abordagens temáticas “envelhecimento e uso de medicamentos”, “polifarmácia em idosos” e “atuação do farmacêutico na polifarmacoterapia do idoso”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante dos estudos analisados no artigo 01 identifica-se que interações medicamentosas (IM) e reações adversas ao medicamento (RAM) são resultados finais da polifarmácia e estão associados a diversos preditores. Esses fatores são uma problemática comum em idosos e colaboram com a não-adesão ao tratamento. Muitas vezes há excesso de medicamentos prescritos para tratar efeitos colaterais de outro, o que poderia ser evitado apenas realizando a troca do medicamento para um mais adequado a condição do paciente, com menos efeitos indesejáveis. Dessa forma, os idosos costumam fazer melhor utilização dos medicamentos quando seu cuidado é gerido por uma equipe multidisciplinar composta por um médico, farmacêutico clínico e enfermeiro. Ao combinar seus conhecimentos e habilidades, permitem que seja desenvolvido uma melhor terapia farmacológica, diminuindo os riscos acarretados pela polifarmácia. Equilibrar os riscos e benefícios de múltiplas terapêuticas medicamentosas pode ser útil para implementar intervenções para o uso racional e seguro de fármacos.

Com base no exposto do artigo 02, foram analisados trinta idosos que fazem uso terapêutico de polifármacos. Foi visto que a grande maioria destes não possui uma orientação por profissional habilitado que o auxiliassem no uso correto dos medicamentos. Nesta pesquisa, procurou-se observar se os pacientes conheciam os riscos da polifarmácia, sendo relatado que não haviam compreensão sobre esse indicador. É de grande relevância enfatizar a importância do profissional farmacêutico, realizando acompanhamento com esses pacientes, e os orientando, de modo a promover a saúde do idoso. Nesta perspectiva, é necessário que idosos tenham um acompanhamento farmacoterapêutico para que haja adesão ao tratamento, diminuindo reações adversas aos medicamentos e conhecendo os riscos que a prática da polifarmácia pode acarretar, colaborando assim para seu controle terapêutico.

O artigo 03 avaliou a prevalência de utilização de medicamentos de uso crônico entre idosos diagnosticados por Doenças Crônicas Não-Transmissíveis - DCNT (hipertensão, diabetes, doença cardíaca, dislipidemia, acidente vascular cerebral, doença pulmonar, reumatismo e depressão). Observou-se a existência de polifarmácia no tratamento de idosos com pelo menos umas dessas oito doenças. Na análise, todas as doenças, à exceção do AVC, aumentam consideravelmente o risco de polifarmácia. Sendo assim, fica evidente que a presença dessas doenças crônicas prevalentes entre os idosos é o grande fator de utilização de medicamentos. Diante do estudo, aponta-se que é necessário um monitoramento dos tratamentos crônicos a partir da atenção primária com ações voltadas para prescrição e

dispensação de medicamentos, melhorando a compreensão do paciente e aumentando o sucesso no uso.

Devido a polifarmácia ser a principal responsável pelo aparecimento de reações adversas aos medicamentos, interações medicamentosas, dificuldades na adesão ao tratamento e aumento dos custos da assistência à saúde especialmente para idosos, os artigos 04 e 10 buscaram analisar a prevalência e frequência de polifarmácia em idosos. De acordo com a análise, é elevada a prevalência de polifarmácia em idosos, além disso, o gênero feminino se constitui fator de risco para esta prática. Outro resultado obtido no estudo afirma que, quanto maior a faixa etária do idoso, maior o risco de polifarmácia. Permitiu-se observar que foi pequeno o número de idosos que se encontravam em polifarmácia e tinham sido acompanhados recentemente, estes seriam aqueles que comparecem as consultas agendadas regularmente e, por consequência, atingem um melhor controle de suas doenças crônicas, diminuindo a necessidade de utilizar vários medicamentos. O acompanhamento do paciente idoso é de grande importância, pois este consegue criar metas e se motivar mais facilmente para atingi-las, melhorando cada vez mais sua saúde, e assim, reduzindo a necessidade de utilizar medicamentos.

A polimedicação é apontada como a principal causa de hospitalização em idosos, e os artigos 05 e 06 trazem informações sobre consequências que esta prática pode acarretar para a saúde do idoso. O uso de fármacos simultâneos pode conduzir o idoso a um tratamento incorreto, devido a fatores como: dificuldade de deglutição, esquecimento e baixo nível econômico. Foi avaliado a complexidade da farmacoterapia de acordo com a frequência de administração do medicamento, quantidade de comprimidos ou dose e quantidade de instruções adicionais recebidas. Em muitos casos, observa-se a ocorrência da cascata iatrogênica, onde um fármaco é incluído na terapêutica para tratar uma reação adversa provocada por outro medicamento. E apesar das evidências sobre o perigo que os medicamentos podem causar aos idosos, pouca informação sobre os riscos são dadas aos pacientes (REZENDE et al., 2019). O número excessivo de medicamentos também pode causar interações medicamentosas do tipo sinérgica, com o efeito do medicamento sendo potencializado, ou antagonizado, quando o efeito do fármaco é anulado ou minimizado, e consequentemente obtendo uma resposta farmacológica não adequada. Portanto, é de grande relevância que o profissional de saúde adote medidas para minimizar os riscos dessa prática, como: conhecer a terapia farmacológica do paciente, no intuito de prevenir eventos adversos e interações medicamentosas; escolher o medicamento e dose mais adequados ao paciente; considerar a capacidade funcional do idoso; promover o uso racional, evitando a automedicação; implantar estratégias para prevenir ou minimizar os possíveis eventos adversos e observar as dificuldades e necessidades da população idosa em relação ao uso do medicamento.

De acordo com os fatores associados a polifarmácia entre idosos, constata-se a multiplicidade de diagnósticos, no qual varia de um a cinco diagnósticos. Dentre estes, as doenças do aparelho circulatório são mais frequentes em morbidade hospitalar nos idosos (DATASUS, 2005). O número de diagnóstico é proporcionalmente a quantidade de medicamentos utilizados, que varia entre 2 a 16 medicamentos. Evidentemente no artigo 07, observa-se que quanto maior o número de diagnósticos, mais frequente se torna o uso da polifarmácia. Também foi observado que a polifarmácia está diretamente relacionada à ocorrência de interações medicamentosas, uma vez que a maioria dos usuários apresentavam essa queixa, assim como também as reações adversas. Nota-se que existe uma correlação entre polifarmácia e envelhecimento, pois este traz consigo um aumento no número de doenças, e consequentemente um regime terapêutico complexo com excesso de medicamentos prescritos.

Portanto, aumenta-se fortemente o risco de reações adversas, o que pode prejudicar a não adesão do paciente ao tratamento.

No artigo 08, durante o acompanhamento farmacoterapêutico nos idosos avaliados, foram identificados 20 Problemas Relacionados aos Medicamentos, dentre eles, os relacionados à efetividade com o risco para a ocorrência de interações medicamentosas; os relacionados à segurança com probabilidade de ocorrência de reações adversas; e baixa adesão ao tratamento farmacológico. De acordo com Lima e colaboradores (2016) os resultados realçam a necessidade de rever a terapia farmacológica para idosos, visando o uso seguro, efetivo e racional dos medicamentos. Identificou-se interações medicamentosas de intensidade significantes, podendo resultar em exacerbação do problema de saúde do paciente ou requerer alteração no esquema terapêutico. Para o sucesso farmacológico é necessário que o paciente obedeça ao esquema terapêutico, a participação do farmacêutico na farmacoterapia demonstra resultados positivos quanto a otimização da terapia farmacológica, prevenção e solução de PRM e benefícios na adesão ao tratamento, através das técnicas de Atenção Farmacêutica e seguimento farmacoterapêutico.

O artigo 09 analisou as consequências do uso indevido de múltiplos fármacos, podendo levar a erros na administração, causar efeitos colaterais, interações medicamentosas, reações adversas graves, risco de iatrogenias, hospitalização e até morte do idoso, o que poderiam ser evitados com o uso racional destes medicamentos. Após sofrerem algum tipo de reação adversa, muitos pacientes interrompem o tratamento farmacológico, o que pode agravar a doença crônica, visto que estas precisam de tratamento a longo prazo. No entanto, o idoso precisa de empenho e mudança nos hábitos de vida, o que acaba tornando empecilho para o sucesso no tratamento. É dever da equipe multidisciplinar da saúde prestar assistência à saúde do idoso, monitorando os riscos do uso dos medicamentos e evitar a ocorrência de malefícios, o beneficiando em uma adesão de forma mais efetiva ao seu tratamento farmacológico

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do presente estudo, nota-se a existência de grande número de pacientes idosos que utilizam cinco ou mais medicamentos, concomitantemente. O aparecimento de problemas relacionados ao medicamento é comum no envelhecimento, pois pessoas com esta condição fazem uso diário da prática de polifarmácia, visto que idosos possuem mais predisposição a doenças. Portanto, a atuação do profissional farmacêutico e equipe de saúde se torna de extrema importância na participação da vida desses pacientes.

Sendo assim, esta temática é de grande relevância no campo da saúde, e faz-se necessário que pesquisadores científicos continuem abordando pesquisas sobre o tema. Amplas são as interações medicamentosas e reações adversas ao medicamento, e a necessidade de haver estudos mais frequentes, para que os profissionais possam adequar o tratamento farmacológico com maior eficácia e menores efeitos adversos.

Palavras-chave: Problemas Relacionados ao Medicamento; Envelhecimento; Polifarmácia.

REFERÊNCIAS

DA CRUZ, Simone Castro; SELOW, Marcela Lima Cardoso. Análise das condutas que poderão auxiliar os pacientes idosos polifarmácia na utilização correta dos medicamentos de uso diário e contínuo na estratégia saúde da família. **Vitrine de produção acadêmica produção de alunos do Centro Universitário Dom Bosco**, v. 6, n. 1, 2019.

DA SILVA CUENTRO, Vanessa et al. Prevalência e fatores associados à polifarmácia entre idosos de um hospital público. **Revista Contexto & Saúde**, v. 16, n. 30, p. 28-35, 2016.

DA SILVA, Patrick Leonardo Nogueira et al. Atenção farmacêutica e os potenciais riscos da polifarmácia em idosos usuários de uma farmácia-escola de Minas Gerais: aspectos socioeconômicos, clínico e terapêutico. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 5, n. 3, p. 247-252, 2017.

DA SILVEIRA, Priscila Assis; SILVA, Samuel Campos; ROCHA, Karine Siqueira Cabral. Prevalência da Polifarmácia nos Idosos de uma Unidade Básica de Saúde no Estado de Minas Gerais. **Revista de Atenção à Saúde (antiga Rev. Bras. Ciên. Saúde)**, v. 16, n. 58, 2019.

DE LIMA, Tiago Aparecido Maschio et al. Acompanhamento farmacoterapêutico em idosos. **Arquivos de Ciências da Saúde**, v. 23, n. 1, p. 52-57, 2016.

DE SOUZA, Marcela Tavares; DA SILVA, Michelly Dias; DE CARVALHO, Rachel. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1 Pt 1, p. 102-6, 2010.

MORSCH, Lisoni Muller et al. Complexidade da farmacoterapia em idosos atendidos em uma farmácia básica no Sul do Brasil. **Ver. Infarma Ciências Farmacêuticas**, v. 4, n. 27, p. 239-247, 2015.

RAMOS, Luiz Roberto et al. Polifarmácia e polimorbidade em idosos no Brasil: um desafio em saúde pública. **Rev. Saúde Pública**, v. 50, n. suppl 2, p. -, 2016.

REZENDE, Juliana Akemi Imazu; GIROTTO, Edmarlon. Riscos de polimedicação em idosos: uma revisão. **Revista uningá**, v. 56, n. 1, p. 66-76, 2019.

RIBOLIS, Isadora Padilha et al. Frequência de polifarmácia em idosos assistidos por residentes farmacêuticos. **Perspectivas Experimentais e Clínicas, Inovações Biomédicas e Educação em Saúde (PECIBES)**, v. 4, n. 2, 2018.

RODRIGUES, Maria Cristina Soares; DE OLIVEIRA, Cesar. Interações medicamentosas e reações adversas a medicamentos em polifarmácia em idosos: uma revisão integrativa. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 24, p. 2800, 2016.